INTELIGÊNCIA POR

Largo Santa Rita
Entre as ilhas Bagres e Barnabé, no Largo Santa Rita, encontram-se os restos dos antigos Engenho e Olaria das Neves. A área é ocupada desde 1532.

2 milhões
de reais foram liberados pela União para restaurar e abrir à visitação o Forte de Itapema, em Guarujá. O projeto está em análise no Condephaat

"Historicamente e arqueologicamente, essa região é importantíssima ao País. Passamos a entender como tudo começou"

Marcos
HISTORIAD
O PORT

Os tesouros do Porto de Santos

Ruínas históricas e um rico patrimônio arqueológico se escondem entre os terminais do principal complexo marítimo da América do Sul

JOSÉ CLAUDIO PIMENTEL
DA REDAÇÃO

Ao atravessar o Canal do Estuário, partindo da região do Saboó, em Santos, surge uma pequena baía com águas calmas, rasas e escuras. O som do motor do pequeno barco levanta uma revoada de pássaros vermelhos, que partem da exuberante Mata Atlântica em direção ao Largo Santa Rita, aos pés do Morro de Nossa Senhora das Neves.

Parece distante, mas o pacato paraíso caiçara encontra-se no meio do Porto de Santos, entre as ilhas de Bagre e Barnabé. Pode ser visto de longe, para quem olha do Cais do Valongo. Mas também pode ser apreciado de bem perto, ao fim de um caminho que inicia-se na Serra do Quilombo.

No Largo Santa Rita, na beira de uma restrita praia, há um antigo rancho, que abre caminho para uma trilha quase abandonada. Com paisagens postais e uma cachoeira cristalina, ela leva o aventureiro para uma descoberta surpreendente. "É uma relíquia histórica que precisamos conservar. São estruturas do início do Brasil", ressalta o arqueólogo Manoel Gonzalez. Tudo isso, na Área Continental de Santos, a algumas centenas de metros dos terminais do porto de maior movimento do Brasil.

A história nessa região começa ainda no início da exploração do Litoral de São Paulo e termina quase quatro séculos depois, fazendo do local um "sobrevivente" em meio ao progresso do Porto de Santos.

MADRE

O tesouro histórico guardado no Largo Santa Rita encontra-se em ruínas. São as antigas estruturas do Engenho da Madre de Deus, onde havia uma capela adorando a santa. As pequenas construções foram erguidas em 1532, por Pero de Góes, um fidalgo da realeza ibérica.

No entorno, formou-se uma pequena vila, administrada pelo colono Luís de Góes – irmão de Pero. Com o passar do tempo, a exploração da cana de açúcar entrou em decadência.

Em 1702, a estrutura restante ficou sob os cuidados de outros irmãos, o capitão Francisco de Aguiar e o reverendo Cristóvão de Aguiar. Sem condição de existir, o engenho chegou ao fim. Mas os escravos africanos que lá permaneceram renomearam a capela, dedicando-a a Nossa Senhora das Neves.

BENEDITINOS

A essa altura, já estava consolidada a denominação de Sítio das Neves para a região e seu morro. A estrutura do engenho deu lugar a uma olaria (oficina de cerâmica), que complementou a que havia sido construída em uma propriedade vizinha, a Fazenda de Santa Rita, localizada às margens do Rio Jurubatuba - um braço de mar que abre rota de navegação rasa paralela ao estuário.

As terras, segundo registros de 1817, pertenciam aos religiosos do Mosteiro de São Bento, de Santos. A influência da igreja nessa região fez com que a história mesclasse os dois sítios, o das Neves e o de Santa Rita, a ponto de existirem registros da construção de uma nova capela, desta vez, com o nome da santa – mas sem confirmações atuais.

"Os beneditinos (integrantes da Ordem de São Bento) tinham vocação às olarias e ao trabalho manual", comenta o arqueólogo Manoel Gonzalez, responsável por realizar uma extensa pesquisa na área. No início do século 19, as construções da Ilha de São Vicente foram estruturadas por materiais provenientes da oficina de cerâmica da Santa Rita, que tinha como vizinha a Capela das Neves.

O fato é que, quase 70 anos depois, uma revolta de escravos (motivada pela abolição), provenientes do Vale do Quilombo (região de Cubatão), destruiu totalmente a pequena igreja e a olaria – que já tinha entrado em decadência devido à concorrência com a indústria da cerâmica. Um incêndio criminoso queimou a imagem de Nossa Senhora das Neves.

TOMBADO

A história pregressa daquela região acabou no fim do século 20. Hoje, o Sítio das Neves contempla o Largo Santa Rita. Na verdade, um pertence ao outro – o que gera confusão entre os historiadores que se aventuram na região. A sede da fazenda permanece intacta e pode ser acessada pela Rodovia Cônego Domênico Rangoni, na estrada que termina no aterro sanitário de Santos.

Toda aquela região, que integra a área do Porto de Santos, será tomada pelo terminal marítimo Brites, pertencente à Vétria Mineração, uma união da Triunfo Participações (grupo que atua na área de infraestrutura, especialmente portos), com a concessionária ferroviária América Latina Logística (ALL) e a Vetorial Mineração. A Vétria ainda trabalha com prazos longos para efetivar o projeto, mas garante que manterá toda a área de valor histórico e arqueológico preservada e protegida, podendo até abrir para visitação.

O Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico de São Paulo (Condephaat) já deliberou pelo tombamento do Sítio Nossa Senhora das Neves. Com a medida, o bem já está protegido e qualquer intervenção deve ter a prévia aprovação da entidade. Falta apenas a análise da minuta de tombamento, que estabelece o detalhamento da proteção que o bem terá, e a publicação da resolução correspondente no Diário Oficial.

Sítio das Neves

"É uma relíquia histórica que precisamos conservar"
Manoel Gonzalez, arqueólogo.

Porque sua inteligência competitiva exige.